



ISSN: 2595-5713

Vol. 07 | N°. 13 | Ano 2024

**Mahfouz Ag Adnane
Mohamed Issouf Ag
Mohamed**

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre Antônio Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

A LUTA PELA INTEGRAÇÃO DOS KEL TAMASHEQ (TUAREGUES) LÍBIOS: UMA ANÁLISE DE UM DESAFIO TRANSNACIONAL

THE STRUGGLE FOR INTEGRATION OF THE LIBYAN KEL TAMASHEQ
(TUAREGS): AN ANALYSIS OF A TRANSNATIONAL CHALLENGE.

RESUMO: Com base nas queixas da sociedade Kel Tamacheque (Tuareg), este estudo presta atenção ao desenvolvimento da situação sócio-política na Líbia. Desta forma, centra-se no movimento civil La Lil Tamyiz (Não à discriminação! em árabe) iniciado nos primeiros meses de 2020 por um grupo de jovens da mesma sociedade, nas cidades de Ghat, Oubari e Sebha, em sul da Líbia. Com base em estudos bibliográficos e análise de artigos acadêmicos, são examinados os antecedentes históricos – que remontam ao período colonial na década de 1950 até o atual e delicado contexto pós-Gaddafi – e a evolução mais direta da mobilização em curso de luta pelo acesso à nacionalidade líbia. Além disso, também são analisadas e discutidas, de forma comparativa, as estratégias adotadas para a integração sociopolítica das demandas por direitos civis básicos utilizadas nos demais estados africanos onde estão localizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania; Direitos à Nacionalidade; Líbia; Kel Tamacheque.

ABSTRACT: Based on the grievances of the Kel Tamasheq (Tuareg) society, this study pays attention to the development of the socio-political situation in Libya. As such, it focuses on the civil movement La Lil Tamyiz (No to discrimination! in Arabic) started in the early months of 2020 by a group of young people from the same society in the cities of Ghat, Oubari and Sebha in southern Libya. Based on bibliographical studies and an analysis of academic articles, the historical background - dating back to the colonial period in the 1950s to the current delicate post-Gaddafi context - and the more direct evolution of the ongoing mobilisation to fight for access to Libyan nationality are examined. In addition, the strategies adopted for the socio-political integration of demands for basic civil rights in the other African states where they are located are also analysed and discussed in a comparative manner.

KEY WORDS: Citizenship; Rights to Nationality; Libya; Kel Tamasheq.

A LUTA PELA INTEGRAÇÃO DOS KEL TAMASHEQ (TUAREGUES) LÍBIOS: UMA ANÁLISE DE UM DESAFIO TRANSNACIONAL

Mahfouz Ag Adnane ¹
Mohamed Issouf Ag Mohamed ²

Introdução e contextualização histórica

Os *Kel Tamacheque* são uma sociedade com grande pluralidade, pertencente ao espaço sociopolítico e cultural Amazigh (referido como bérbere na literatura de fonte europeia). Conforme apontado por pesquisadores como Gabriel Camps (1983) e Helene Claudot-Hawad (2001), *Amazigh* ou *Imazighens* (no plural) são compostos, principalmente, pelos descendentes dos primeiros povos a viver no norte da África, modificando-se em vários processos de interação ao longo da história. É uma sociedade sociolinguística que, de oeste a leste, vai das Ilhas Canárias a Siuá (oeste do Egito) e, de norte a sul, do Mediterrâneo ao sul do Saara (Rio Níger).

Conhecido nos escritos ocidentais sob a nomenclatura *Tuareg* (*tuaregue*), particularmente presente na bibliografia de língua francesa, essa sociedade não reconhece essa denominação como sua, referindo-se a si mesma por um nome que possui variações locais: *Imuhagh* (na Argélia, Líbia), *Imajeghen* (no Níger) e *Imushagh* (no Mali) (AG ADNANE, 2014; CLAUDOT-HAWAD, 1990; 2001). Eles são organizados principalmente em torno de quatro grandes polos territoriais com interrelações complexas: *Ahaggar*, no sul da Argélia; *Air*, no norte do Níger; *Ajjer*, numa região situada no leste da Argélia e sudoeste da Líbia e *Azawad* ao norte do Mali (KOHL, 2010). Nesta área que ocupam, estima-se que existam 1,5 milhões de pessoas, de acordo com fontes administrativas oficiais, e mais de 5 milhões, do ponto de vista dos seus líderes tradicionais. Ou seja, nas regiões mais remotas existe um problema de censo e essa falta de censo dificulta a coleta do número real de pessoas que lá vivem. Portanto, a variabilidade desses números, aos quais não corresponde nenhum recenseamento confiável, é proporcional à questão política da demografia étnica nos Estados africanos nos quais vive essa população.

Os estudos sobre os povos Imazighen/Amazigh, notadamente aqueles dedicados à sociedade Kel Tamacheque ainda recebem pouca atenção em diferentes centros acadêmicos. No Brasil, há grande escassez de pesquisas e produção acadêmica neste campo, que permanece desconhecido mesmo entre pesquisadores/as. Entre os raros trabalhos, cabe assinalar as publicações do Mahfouz Ag Adnane (2014; 2019) sobre temas coloniais e, principalmente, pós-

¹ Mahfouz Ag Adnane, Doutor em História pela PUC SP. tidjefene@gmail.com

² Mohamed Issouf Ag Mohamed, graduado em Relações Internacionais pela UFS. agmohamedmohamedissouf@gmail.com

independência, com pesquisas ligadas aos Kel Tamacheque (Mali, Níger e Argélia, principalmente) e, também, aos amazighs do sul do Marrocos. Trata-se de pesquisa recente que reflete sobre as lutas por autonomia e independência, dinâmicas culturais e sociopolíticas no século XX. Há, ainda, os trabalhos de Maria Cristina Nicolau Kormikiari (2001; 2008), pesquisadora no campo da arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Suas pesquisas incluem arqueologia, numismática e iconografia no norte da África amazigh.

Existem, internacionalmente, pesquisadores interessados pelo assunto também. Neste sentido, vale frisar os trabalhos do escritor argelino Dida Badi Ag Khamadine (2010; 2012; 2017), pesquisador afiliado ao Centro Nacional de Pesquisa Pré-histórica, Antropológica e Histórica da Universidade de Argel, sobre assuntos relacionados à sociedade Kel Tamacheque na Líbia durante o governo Gaddafi e pós-Gaddafi, as relações do povo Kel Tamacheque com seus países pertinentes e, por fim, os laços internacionais desenvolvidos pelas autoridades com outros Estados saarianos, particularmente, através das relações com as populações Tamacheque destes países. Além deste, não podemos ficar sem citar a eminente pesquisadora Helène Claudot-Hawad (1986; 1990; 1996; 2001), que estuda questões voltadas à sociedade Kel Tamacheque durante a colonização, nascimento de Estados africanos independentes, a relação dessa sociedade com os Estados-nação e o conceito de multiterritorialidade.

O presente trabalho pretende discutir a situação política e social da sociedade tuaregue, *KelTamacheque*, na Líbia (a chamada “Questão Tuaregue”, termo usado por Ag Khamadine (2010, 2012 e 2017) no caso da Líbia, e anteriormente por Claudot-Hawad (1987; 1990; 1996; 2001 e 2008) e Boilley (1999) no caso dos países de Saelo-saarianos (Argélia, Mali e Níger)), do contexto do final do século XX até os dias atuais, dando mais atenção à última década pós-Gaddafi, ou seja, de 2011 a 2021. A questão-problema que orienta a presente reflexão pode ser assim formulada: *quais são as consequências sociopolíticas da queda de Muammar Gaddafi e da constituição das novas estruturas de poder para a consolidação da cidadania Kel Tamacheque na Líbia?*

A premissa inicial é que os Kel Tamacheque constituem uma das nações sociológicas³ não árabes nem arabizadas, apesar de serem muçulmanos sunitas, que compõem o Estado-nação líbio. Sua base sociocultural e econômica está sedimentada historicamente como seminômade e é dedicada à pastorícia e à agricultura (oásis). Estabeleceram-se, principalmente, no sudoeste do

³ Termo adotado por AG ADNANE (2019), para as formações sociais que se assumem e defendem sua identidade tamasheq, a partir do entendimento de Mwayila Tshiyembe (2001).

país, na região de Fezã, em uma área que se estende desde a cidade-oásis de Ubari até Ghat e Ghadames. Diferentemente de outras regiões do Saara central, Fezã (região Tamacheque, ver mapa a seguir), na Líbia, constitui uma centralidade histórica e simbólica, mas também geopolítica. Centralidade não apenas na escala nacional, mas, também, ao nível da região do Saara-Sahel. Isto se explica pelo fato de que as reconfigurações políticas e territoriais em Fezã e na zona saheliana estão inextricavelmente relacionadas e interagem entre si.

Figura 1: Mapa político da República Líbia com as três diferentes regiões principais do País.

Fonte: Google.



Desse modo, sob o regime de Muammar Gaddafi (1969-2011), esse grupo aderiu às forças armadas, em um acordo com as autoridades líbias para que atendessem sua demanda de naturalização. No entanto, o governo líbio, por vários anos, concedeu nacionalidade a jovens de minorias não árabes, a exemplo de Kel Tamacheque e também da comunidade Tubu, de acordo com suas necessidades geopolíticas, para servirem de mercenários e, às vezes, acabou revertendo suas decisões posteriormente (GALLET, 2015). Por esta razão e outras, como a queda do regime líbio em 2011 que deixou o país em caos, o processo de naturalização não se concluiu, fazendo com que muitos deles permanecessem apátridas.

Durante a revolta popular de 2011, um número significativo de Kel Tamacheques manteve aliado a Gaddafi, particularmente aqueles que tinham integrado suas forças de

segurança.⁴ Contudo, outros aliaram-se às forças revolucionárias (anti-Gaddafi). Após os graves eventos de 2011⁵, os tuaregues passaram a ser, frequentemente, considerados colaboradores do regime deposto, independentemente das diferenças internas e das posições individuais. Com isso, a repressão e a intimidação persistiram contra eles (MURRAY, 2017).

Tendo em vista as mudanças que têm ocorrido nas sociedades africanas desde a invasão europeia no continente e sua partilha até os tempos da sua descolonização, é de fundamental importância também analisar a partilha da nação Tuaregue entre vários países (Argélia, Burkina Faso, Líbia, Mali, Mauritânia e Níger) da faixa saelo-saariana, buscando, assim, reverter a visão de que a África do Norte e o Saara são compostos apenas por árabes, fortalecendo a visibilidade e o conhecimento acerca dos povos autóctones dessa parte do mundo, particularmente da Líbia. Outrossim, procura-se discutir as posições, divisões, estratégias e alianças Tamacheque no conflito iniciado em 2011, examinando sua luta por direitos e reconhecimento político, econômico, cultural, social e educacional, uma vez que essa população faz parte da estrutura social da Líbia. De forma geral, percebe-se que, além de secas recorrentes, interesses econômicos globais e tentativas locais e supra locais de impor hegemonia política tornaram a vida cada vez mais difícil para as pessoas que seguem caminhos de vida nômades saarianos durante as últimas décadas. Um dos exemplos mais recentes disso é, justamente, a intervenção ocidental que acabou com o regime de Gaddafi e contribuiu para a proliferação de armas na faixa saelo-saariana, intensificando a insegurança para além das fronteiras líbias.

Ademais, levando em consideração a escassez de trabalhos sobre o tema, este estudo pode contribuir também para combater preconceitos que disseminam a ideia de que só existe areia nas regiões saarianas, demonstrando a presença de seres humanos, com seu modo próprio de vida, que lutam dia e noite por seus direitos fundamentais. Nesse sentido, a relevância deste tema, em primeiro lugar, está, justamente, na tentativa de mudar a imagem estereotipada da sociedade Kel Tamacheque no plano internacional, oferecendo dados produzidos a partir de fontes locais que não são consideradas no tratamento da mídia e da literatura de caráter científico. Ademais, a pesquisa tem a finalidade de trazer para o Brasil novos elementos para que

⁴ Na Líbia, a principal prova de cidadania é um tipo de caderneta da família no qual constam todos os nomes dos membros da família. No entanto, a maioria das famílias tuaregue do sudoeste da Líbia não possui o documento necessário. Disponíveis em: [The New Humanitarian | Les minorités libyennes revendiquent leurs droits](#), 2012.

⁵ Jamairia (em árabe: جماهيرية, também transliterado como Jamahiriya) é um termo árabe traduzido geralmente como "Estado das massas" que esteve presente no antigo nome oficial do Estado da Líbia – "Grande Jamahiriya Árabe Líbia Popular Socialista" – desde a "Declaração de Saba" em 2 de março de 1977 até 20 de outubro de 2011. O termo é um neologismo cunhado pelo então líder líbio Muammar al-Gaddafi em seu *Livro Verde* e destinado a descrever um tipo de Estado similar à "República Popular" dos Estados socialistas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jamairia#:~:text=Jamairia%20\(em%20%C3%A1rabe%3A%20EF%BA%9F%EF%B%44%EF%BA%8E%EF%BB%AB%EF%BB%B4%EF%BA%AE%EF%BB%B3%EF%BA%94%2C,at%C3%A9%20de%20outubro%20de](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jamairia#:~:text=Jamairia%20(em%20%C3%A1rabe%3A%20EF%BA%9F%EF%B%44%EF%BA%8E%EF%BB%AB%EF%BB%B4%EF%BA%AE%EF%BB%B3%EF%BA%94%2C,at%C3%A9%20de%20outubro%20de).

pesquisadores da academia brasileira possam ter noção da situação de povos saarianos e norte-africanos em tempos de mudanças globais.

Outro aspecto fundamental que deve ser levado em conta para justificar a importância e o interesse sobre o tema, é que muitos Kel Tamacheque, que vivem nas regiões do Saara central e Sahel, estão sendo pressionados para a sedentarização, pois foram obrigados a mudar de estilos de vida nômade para estilos de vida urbanos nas últimas décadas. Para além disso, eles estão sendo forçados a cruzar fronteiras internacionais sem a devida identificação, nacionalidade ou cidadania, devido aos impulsos da política internacional (KOHL; FISCHER, 2010). Por fim, nota-se que desde o início da revolta líbia, até os dias atuais, o foco permanece em “Gaddafi”, “autoritarismo”, “islamismo” e, depois, a briga entre o chefe miliciano Khalifa Haftar e as autoridades do Tripoli, desde 2016 (reconhecidas pela ONU e países ocidentais), quando se trata do país norte-africano. Então, a contribuição aqui visa demonstrar que existem outros atores importantes para a estabilidade e a reconstrução do tecido social líbio depois da administração Gaddafi.

Feitas todas essas considerações, é possível perceber que tal pesquisa pode contribuir para os debates no campo das Relações Internacionais, uma vez que se debruça sobre os estudos acerca do papel de vários atores e a relação contemporânea entre geografia e política nas regiões Amazighs - os Kel Tamacheque, neste caso - do Saara central, a partir dos múltiplos processos de resistência e luta por direitos fundamentais e pelo direito à mobilidade, em vários espaços saarianos. O objetivo é contribuir para a construção de uma nova perspectiva de conhecimento empírico sobre essa parte de África em tempos pós-coloniais e num cenário internacional em transformação.

Assim, ao levarmos em consideração os pontos elencados acima, a ideia é pensar as Relações Internacionais contemporâneas a partir de perspectivas de povos autóctones, na conformação de um campo de conhecimento capaz de ultrapassar os enfoques ancorados na perspectiva eurocêntrica. O objetivo central deste estudo é mapear os desafios da luta pela integração e construção da cidadania dos *Kel Tamacheque (Tuaregues)* nos seus países pertinentes e, particularmente, na Líbia contemporânea, considerando tanto o período de Gaddafi (1969-2011) como o posterior (2012-2021). Seus objetivos específicos são:

1. Descrever os desafios e debates na construção dos direitos sociais, civis e políticos dos Kel Tamacheque na Líbia,
2. Entre 1969 e 2011, durante a Jamahiriya de Gaddafi
3. Após 2012, considerando os conflitos, o Governo de Transição e a situação presente.

4. Analisar os elementos comuns e as diferenças quanto ao reconhecimento e pleno pertencimento dos Kel Tamacheque nos Estados nacionais do norte africano (Argélia, Níger, Mali), apresentados na literatura acadêmica.
5. Identificar perspectivas de análise da juventude Kel Tamacheque sobre a situação de seus direitos nesses países.

Visando responder à pergunta norteadora do trabalho, será mobilizada uma metodologia que vai envolver uma pesquisa dedutiva básica, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica, entrevistas e análise de redes sociais.

Além disso, será empregada uma abordagem qualitativa, a fim de realizar a seleção e análise de documentos diversos, tais como: ensaios, artigos, materiais de jornal e livros de estudiosos sobre o tema, redes sociais, bem como *entrevista não dirigida na língua Tamacheque* com membros do movimento civil *La Lil Tamyiz* ("não à discriminação"), formado no início de fevereiro de 2020 por um grupo de jovens Tamacheque das regiões de Ghat, Oubari e Sebha no sul da Líbia e outros personagens envolvidos no processo; e depoimentos de pessoas demandantes de cidadania Líbia. A questão do documento de identidade⁶ é um dos assuntos mais importantes, hoje, na Líbia.

No que diz respeito à revisão bibliográfica, serão analisados tanto os textos de uma literatura mais ampla, que aborda às questões sobre a relação entre Kel Tamacheque de forma abrangente e o Estado-nação na sequência da descolonização, quanto uma literatura mais específica, que trata sobre a ligação dos Kel Tamacheque líbios com o Estado durante e pós-governo de Gaddafi. Desse modo, propõe a realização de levantamento e estudo crítico histórico-bibliográfico considerando a literatura em português, inglês e francês, a fim de mapear a produção acadêmica relevante e contextualizar suas temáticas, além de uma análise de canções escritas pelos integrantes do movimento cultural denominado "*Teshúmara*", do qual alguns membros pertencem atualmente à banda Tinariwen; e uma série de entrevistas orais realizadas em tamacheque, em francês, via rede social (WhatsApp) com Kel Tamacheque líbios, que são integrantes da sociedade civil da província de Fezã e são membros do movimento civil *la lil tamyiz* (*não à discriminação!*) onde vivenciaram todas as manifestações relacionadas ao pedido de documentação e mais inclusão, há anos.

No que se refere à *entrevista não dirigida*, ela é um instrumento de pesquisa qualitativa para a coleta de dados. Ou seja, "é feita com perguntas abertas e parte do princípio de que o informante é capaz de se exprimir com clareza. O entrevistador deve se manter apenas escutando,

anotando e interagindo com breves perguntas” (BRASILEIRO, 2021, p. 84). Isto é, um procedimento utilizado para obter informações detalhadas sobre um assunto geral que permite realizar uma investigação. Ou seja, preocupa-se em desenhar os contornos para discutir como e quais são os principais embates e desafios da inserção e participação dos Kel Tamacheque no contexto da Líbia, como cidadãos plenos.

O cumprimento desta metodologia e a consecução dos objetivos colocados se darão ao longo de quatro seções, sendo a primeira a mais importante para esse trabalho e as outras são complementares. Inicialmente, faz-se necessário expor a realidade histórica da sociedade Amazigh, e particularmente os Kel Tamacheque da Líbia, suas relações políticas com as antigas autoridades líbias e o seu papel na construção nacional durante o período pós-revolta de 2011, na primeira seção. Na segunda parte deste artigo, iremos apresentar, de forma breve, o histórico e os motivos da luta dos Kel Tamacheque tornados da Líbia no Mali e na terceira seção, os desdobramentos da luta da população Tamacheque no Níger por razões parecidas. Por fim, na quarta parte tentaremos trazer uma breve análise das relações da sociedade Kel Tamacheque argelina e o Estado central.

Kel Tamacheque líbios

Desde o início dos anos 70, quando ele chegou ao poder por um golpe militar, o ex-dirigente da República líbia, Muammar Gaddafi, instaurou uma política formada e sustentada por alianças comunitárias dentro do país (CHAKER; FERKAL, 2012). É nesse contexto que ele conseguiu ganhar a confiança da comunidade Kel Tamacheque, apesar da proibição de língua ou cultura diferente da árabe na Líbia. Segundo a perspectiva da Jamahiriya⁷, todos os líbios são árabes e muçulmanos, e do ponto de vista de Gaddafi – de forma mais clara ainda– os Amazighs (incluindo os Kel Tamacheque) são árabes. Desse modo, percebe-se que o controle político sobre a configuração Amazigh ficou, portanto, restrita à repressão e à exclusão (CHAKER; FERKAL, 2012).

Porém, é relevante ressaltar que os Amazighs ou Imazighen são os habitantes nativos da Líbia e de todo o norte da África (bérberes). Pois além dos Kel Tamacheque que residem no sudoeste, na cidade oásis de Ghadamès e mais para o sul do país em cidades como Ubari, Sabha e Ghat (considerada centro urbano histórico), há outro grupo Amazigh importante, conhecido

⁶ No original “front Occidental” (CHACKER ; FERKAL, 2012).

⁷ Do Original: “ De manière générale, la révolution libyenne du 17 février permit aux Touareg de s'affirmer pour la première fois en tant qu'entité amazighe visible et non arabiste et s'essayer à la difficile expérience de l'émergence

como *Imazighen de Nefússa*, que são líbios nativos, também tendo uma cultura e língua diferentes do árabe. Além disso, conforme o observado por Salem Chacker e Masin Ferkal (2012), a região *amazighofona* (ou de língua Amazigh) mais importante na Líbia é a de *Nefússa*. Neste sentido, contamos, em grande parte, com trabalhos como o de Kormikiari (2001; 2007; 2014), professora da USP que pesquisa sobre a presença romana na região norte do continente africano durante a antiguidade, que traz elementos interessantes sobre a presença Amazigh em grandes áreas do continente africano. Ao discutir e situar o povo Amazigh, ela escreve:

Na Antiguidade, o nome amazigh (tamazight, no feminino, e imazighen, no plural), o qual é, aparentemente, utilizado pelos próprios berberes como designação étnica de seus grupos indígenas, surge, em inscrições líbicas, na forma MSK; em inscrições romanas nas formas mazic, masak, mazix e mazica (feminino com uma desinência latina) (GSELL 1927, vol.V: 116; Camps 1960: 27). Este nome foi usado também no começo da era cristã para denominar diversos grupos indígenas. É um étnico largamente difundido por todos os países berberes e é usado no topônimo. Trata-se da raiz MZG ou MZK que aparece também nos nomes mázaces (de época romana), maxies (em Heródoto), mazyces (em Hecateu), maxitani (em Justino), meshwesh (nas inscrições egípcias). Os imuhagh, do oeste do Fezzan, os imazighen, do Aurés, do Rif e do Alto Atlas, entre outros, conservam este nome. O tamaseght (tamachek) é a língua dos touaregues, que chamam a si mesmos de imouchar. O uso indiscriminado, nos textos antigos, do nome mazices para povos diferentes, nômades, montanhese etc., em períodos diversos e habitando regiões distantes umas das outras, parece mostrar que este seria o único nome indígena de aceitação geral (KORMIKIARI, 2001, p. 56).

Antigos trabalhos de historiadores e filósofos citados por Kormikiari (2001) sobre o tema deste estudo, tais como Heródoto, são imprescindíveis para embasar a profundidade histórica e cultural da identidade Amazigh enquanto povo nativo norte-africano. Porém “os interesses coloniais e pós-coloniais constituem ainda um obstáculo político e epistemológico para seu entendimento” (ADNANE, 2014, p. 29). Portanto, temas relacionados à região norte de África, em geral; e, particularmente, a *amazighidade* (berberidade) líbia são sub-documentados e pouco conhecidos (CHACKER; FERKAL, 2012), especialmente em fontes de língua portuguesa.

A pesquisa de Mahfouz Ag Adnane (2014; 2019) teve como um dos seus objetivos situar a sociedade Tamacheque no universo Amazigh (berbere) e em relação aos dois eixos organizadores que compõem a fundação da sociedade: isto é, “*tumast* (o que somos todos juntos, nação) e *tamurt* (cultura Tamacheque)” (ADNANE, 2014, p. 27). Desse modo, as causas da resistência Tamacheque não podem ser encontradas apenas no despertar do sentimento de identidade. Elas também são objetivos e se relacionam com a injustiça do desenvolvimento

d’un embryon de la société civile, bien que sous-tendu par l’organisation lignagère traditionnelle” (BADI, 2017, p. 25)

desigual, a divisão norte/sul, o fosso antigo que separa sua realidade de outros cidadãos, onde quer que eles estejam (ADNANE, 2015), em todos esses países onde eles estão presentes. Neste contexto de desigualdade, para além das fronteiras da Líbia, essa comunidade desenvolve diversas estratégias para conseguir seus direitos fundamentais, enquanto cidadãos, em países como Níger e Mali. Assim, “a rebelião tamacheque e árabe, de 1990, foi uma luta pela real integração ao Estado-nação malinês e suas instituições” (AG ADNANE, 2019, p. 58), ou seja, uma resposta e recusa à marginalização. De acordo com o trabalho de Chaker e Ferkal (2012), os acontecimentos na Líbia desde fevereiro de 2011, que resultaram na derrubada da ditadura Gaddafi, trouxeram à luz o importante papel desempenhado pelos Amazigh, em especial os de Jebel Nefoussa, no levante. O envolvimento armado dos Amazighs/Imazighen deu uma contribuição crucial para a derrubada final do regime e a tomada de Trípoli na “frente ocidental”⁸ (ou Tripolitana) (CHACKER; FERKAL, 2012). Os Kel Tamacheque participaram da revolta líbia nos dois lados, ou seja, em sua maioria, este grupo permaneceu fiel ao coronel Gaddafi (MURRAY, 2017), no entanto, outros Tamacheques se rebelaram contra o governo (WEHREY, 2017).

Sobre o caso dos Tamacheque da Líbia e sua relação com Gaddafi, conforme o argumentado por Badi (2017), a crise na Líbia destacou o alcance e a importância da manipulação da aliança de linhagens, que Gaddafi operou desde que chegou ao poder, em 1969, ao derrubar a monarquia federal dos Senucide. Desse modo,

Embora os movimentos da Primavera Árabe tenham mostrado a importância da sociedade civil na mobilização das pessoas contra os regimes, os movimentos tribais e contra os regimes em vigor, as alianças tribais e clânicas foram, no entanto, utilizadas como *modus operandi* para a revolução líbia, na luta contra o regime de Gaddafi, devido à ausência de uma sociedade civil genuína e de partidos políticos organizados (AG KHAMADINE, 2017, p. 25, tradução nossa).⁹

Para entender a questão dos Kel Tamacheque, especificamente, no sudoeste da Líbia, é relevante explicar que eles estão divididos em dois grupos: um primeiro grupo, formado por Kel Tamacheque pertencentes às confederações Kel Ajjer, um vasto agrupamento de comunidades presentes na Líbia e que também se estende a uma parte do território argelino. Historicamente

⁸ Law Number (24) for 2010/1378 On The Libyan Nationality, http://www.ilo.org/dyn/natlex/natlex4.detail?p_lang=en&p_isn=93753

⁹ Em Original: “Is considered a Libyan every person resided in Libya regularly since 07/10/1951 and s/he did not have other foreign nationality and if one of the following conditions is applicable on him/her:

- He/she born in Libya.
- He/she born outside Libya but one of his parents born in Libya.
- He/she born outside Libya but he resided regularly for a period not less than 10 years before 07/10/1951.”

estabelecidos ao longo da fronteira destes dois países, estes Kel Tamacheque têm raízes líbias que remontam a vários séculos. E um segundo grupo, composto por Kel Tamacheque que chegaram à Líbia nos anos 70, vindos dos países sahelianos do Mali e do Níger, fugindo da pobreza, da seca, do desemprego e, sobretudo, da repressão das forças armadas desses países da África Ocidental (AG KHAMADINE, 2017; KOHL, 2010; CHAKER; FERKAL, 2012).

Dessa forma, a política nacional de Gaddafi, durante as décadas de anos 70 e 80, aproveitou para atrair os jovens Tamacheque sahelianos, particularmente desfavorecidos (de Mali e do Níger), conhecidos sob o nome “*Ishumar*” (que vem do francês *chômeurs*, ou seja, desempregados), prometendo para eles salários e documentos de identidade em troca da adesão às forças armadas do regime (KOHL, 2010). Muitos deles, então, se juntaram às fileiras do regime, integrando as forças especiais do regime já nos anos 80; alguns desses jovens *Ishumar* foram enviados como mercenários pelo ditador líbio para lutar no Chade, Palestina, Líbano e Uganda. Portanto, esse processo de naturalização, prometido por Muammar Gaddafi desde os anos 80, para a população Kel Tamacheque no sul da Líbia, permaneceu incompleto quando eclodiu a revolta de 2011 no país.

Mas, oficial e legalmente, no que diz respeito à cidadania, é a *lei da nacionalidade Líbia*¹⁰ n.º 24 de 2010 que rege a aquisição da nacionalidade neste país. E de acordo com sua seção 2:

É considerado um líbio toda pessoa que residia regularmente na Líbia desde 10/07/1951 e não tinha outra nacionalidade estrangeira, e se uma das seguintes condições for aplicável a ele/ela:

Ele/ela nasceu na Líbia.

Ele/ela nasceu fora da Líbia, mas um de seus pais nasceu na Líbia.

Ele/ela nasceu fora da Líbia, mas residiu regularmente por um período de pelo menos 10 anos antes de 10/07/1951, 36 anos antes de 10/07/1951.¹¹

De acordo com a Seção 2 da Lei da Nacionalidade Líbia N° 24 de 2010, qualquer pessoa que solicite a nacionalidade líbia deve apresentar prova de origem líbia através da apresentação de documentos legais/autênticos, sujeitos à decisão do Coordenador do Comitê Geral do Povo para Segurança Geral. No entanto, os depoimentos não são considerados como prova. A principal prova de cidadania é o livreto da família, que lista todos os nomes dos membros da família. Como uma das consequências da queda do Gaddafi, muitos jovens desta comunidade ainda não têm acesso aos mesmos serviços e oportunidades que outros habitantes do país, pois não

¹⁰ Fundadores do Congresso Amazigh da Líbia em Londres em 2000, conforme o próprio autor (AG KHAMADINE, 2017).

¹¹ THE HUMANITARIAN, 2015.

possuem a caderneta familiar necessária para se candidatar a um emprego, um programa universitário, um empréstimo bancário, entre outras coisas, fundamentais na vida cotidiana dessas pessoas. Ag Khamadine (2017) afirma que, após a queda do governo Gaddafi, ativistas¹² Amazigh no exílio lançaram a luta pela preservação da identidade Amazigh na Líbia nos últimos 20 anos. Nesse contexto, o Congresso Nacional Amazigh da Líbia foi estabelecido em 1º de setembro de 2011, após a queda da ditadura de Gaddafi, e lançará oficialmente a "questão Amazigh" na Líbia pela primeira vez.

De acordo com o autor, a demanda pela constitucionalização do idioma Tamazight surgiu como resultado principal da criação do congresso nacional Amazigh (AG KHAMADINE, 2017). Além disso, a ideia foi levada, principalmente, por líderes Amazighs de Jebel Nafussa, que pretendiam espalhá-la para todos os grupos Amazighs do país, incluindo os Kel Tamacheque, a fim de se libertar do isolamento em que a ditadura pan-arabista de Gaddafi os colocou. Portanto, os iniciadores tentaram alcançar os Kel Tamacheque logo no início do pós-queda de Gaddafi, em um esforço para mobilizá-los por trás da demanda feita durante a cúpula de Ubari, mas essa proposta só recebeu apoio entre a juventude Tamacheque. De acordo com a matéria publicada pelo jornal *The Humanitarian* (2015), sob o governo de Muammar Gaddafi, a exemplo de outras comunidades não árabes, os Kel Tamacheque foram uma minoria marginalizada. Isto é, um regime, que sempre defendeu o pan-arabismo, recusou-se a reconhecê-los como um grupo étnico indígena e a fornecer-lhes documentos líbios.¹³

De ponto de vista analítico, conforme o apontado por Ines Kohl (2010), os Estados-nação que surgiram depois da colonização não reconheceram os Tamacheque como uma unidade social, política e geográfica, ao contrário, estabeleceram sua marginalização. Portanto, eles são agora uma minoria em sua terra natal. Enquanto estas populações estão sendo marginalizadas política e economicamente no Mali, Burquina Faso e Níger, na Argélia e na Líbia, eles estão sendo expostos a fortes tendências para a arabização como estratégias de assimilação (KOHL, 2010). Desse modo, na contemporaneidade, “os movimentos transnacionais também são impulsionados por uma ideologia e filosofia particular que os liga a uma nação imaginária sem Estado (Tumast)¹⁴” (KOHL, 2010, p. 452, tradução nossa).

Quanto à relação da sociedade Kel Tamacheque com o Estado-nação pós-colonial, primeiro, houve a incompreensão das populações Tamacheque sobre as mudanças trazidas pela

¹² Tradução do original: “The transnational movements are also pushed by a particular ideology and philosophy of being connected to an imagined stateless nation (Tumast).” (KOHL, 2010, p.452)

¹³ Em original: “Indeed, the ocrs created by French law of 10 January 1957 bolstered hopes for a Saharan State.” (PERRIN, 2014, p.303).

¹⁴ No Original: “L’objectif est d’étouffer toute velléité de revendication communautaire, qui prendrait rapidement chez les Touaregs une extension supra-étatique.” (CLAUDOT-HAWAD, 2008, p.8).

independência e sua surpresa ao verem a administração francesa tão rapidamente substituída por soldados e funcionários públicos do Sul (CLAUDOT-HAWAD, 2001), no caso dos Estados do Sahel (Mali e Níger), enquanto permaneciam otimistas sobre uma Organização Comum das Regiões do Saara (OCRS), como prometido pela França alguns anos antes. Neste contexto, a pesquisadora Delphine Perrin (2014) afirma que, “de fato, a OCRS criada pela lei francesa de 10 de janeiro de 1957 reforçou as esperanças de um Estado saariano¹⁵” (PERRIN, 2014, p. 303, tradução nossa). Essa observação lembra o fato do Movimento Nacional da Libertação de Azawad (MNLA), no Mali, ter expulsado o exército nacional do país da região de Azawad (a parte norte do país, região Tamacheque) e declarado independência em 6 de abril de 2012, demonstrando, assim, a rejeição da comunidade Kel Tamacheque ao Estado central do Mali.

No que se refere à questão de transnacionalidade e reconfiguração de laços territoriais, a fronteira é o exemplo mais óbvio e direto do Estado moderno do Saara, conforme Claudot-Hawad (2008). Ou seja, as fronteiras que separam este vasto deserto e as estepes que os Kel Tamacheque controlavam anteriormente, são resultados diretos de incursões coloniais anteriores. Os contornos do Saara foram moldados pelo avanço dos soldados designados para conquistá-lo no final do século XIX. A autora explica que a região foi disputada por vários atores como tropas otomanas posicionadas no leste, seguidas por italianos e tropas inglesas no sul, porém o mais importante ator foi a França, cujo dois itinerários do seu exército coloniais, uma parte partindo de Argel no norte e outra partindo de Dakar no oeste, ocuparam esta área (CLAUDOT-HAWAD, 2008). E as territorialidades do Estado foram determinadas pelas posições desses exércitos adversários.

Neste contexto, Claudot-Hawad (2001; 2008) argumenta que a maioria dos nômades não consegue atravessar as fronteiras estatais, devido à exigência de documento de identidade (como passaporte ou carteira de identidade), bem como o pagamento de taxas alfandegárias. Já a Argélia proibiu caravanas comerciais transaarianas (principal fonte de renda dos saarianos já nas independências) logo em 1963, ano em que conquistou a independência, em um esforço para manter o controle mais rígido possível sobre a sua região saariana (CLAUDOT-HAWAD, 2008). Dessa forma, foram tomadas medidas para romper ou enfraquecer os laços entre os Kel Tamacheque do Norte, que se tornaram argelinos e líbios, e os do Sul, anexados aos Estados do Sahel (Mali e Níger). A extração de recursos minerais, cujas maiores reservas se encontram em terras Tamacheque, nas fronteiras da Argélia com Níger e Líbia, é a principal questão. Portanto, “o objetivo é extinguir qualquer sugestão de reivindicação comunitária, que rapidamente

¹⁵ Mali teve cinco *golpes militares de Estado* (1968, 1991, 2012, 2020 e 2021) e 24 anos de ditadura militar (Moussa Traoré 1963-1991); o Níger teve quatro *golpes de Estado* (1974, 1996, 1999, 2010) e sete repúblicas diferentes.

assumiria uma dimensão supra-estatal entre os tuaregues¹⁶” (CLAUDOT-HAWAD, 2008, p. 8, tradução nossa). Em seu artigo intitulado “Un territoire bâti comme une tente nômade” (“Um território organizado como uma tenda nômade”), Hélène Claudot-Hawad (2008) baseou o seu argumento na imagem de uma tenda nômade cujas estacas que a sustentam, evoca uma metáfora para descrever toda a realidade da sociedade Tamacheque durante a ocupação colonial e continua até agora: se uma estaca cai, a tenda desmorona e o velino vai se despedaçar. Dessa forma, essa metáfora está muito presente em meio ao mundo Kel Tamacheque até os dias atuais; e muitos defendem que foi o que aconteceu com a irrupção dos franceses na terra dos Kel Tamacheque; enquanto a independência só agravou a lágrima (CLAUDOT-HAWAD, 1990; 2001; 2008). Ainda sobre a relação entre os Tamacheque e os Estados do Mali e Níger, o problema foi baseado na falta de comunicação e na falta de compreensão mútua, devido à separação geográfica e cultural dos tuaregues dos centros de poder de seus diferentes países (PERRIN, 2014).

Em relação à questão de cidadania, vale a pena observar o trabalho da Delphine Perrin (2014) e o modo como ela discute a hipótese de que as populações Kel Tamacheque seriam indiferentes no que diz respeito à cidadania, focando a pesquisa dela nos Kel Tamacheque do Mali e do Níger. Desse modo, seu estudo procurou “entender se e por que a relação dos tuaregues com a cidadania seria caracterizada pela hostilidade, ceticismo ou indiferença, uma percepção frequentemente aplicada às minorias transnacionais, em particular quando elas estão associadas a uma cultura de mobilidade e/ou a um território remoto” (PERRIN, 2014). Mas, para elaborar melhor a sua investigação, ela preferiu basear-se no que ela chama de cidadãos transfronteiriços (PERRIN, 2014), ou seja, uma comunidade de jovens Tamacheque “os Ishumar” e sua atuação política nacional e transnacional. Neste sentido, a autora tentou elucidar algumas razões que causaram a travessia de fronteiras transnacionais desses jovens sem documentos, nacionalidades ou cidadania: urbanização forçada, repressão militar, processos globais, entre outros.

Dessa forma, os Ishumar passaram a representar uma ameaça significativa à lealdade do Estado, no caso dos países (Mali e Níger) analisados pela pesquisadora (PERRIN, 2014), além de servirem como agentes de inclusão nas atividades governamentais. Para além disso, o texto passa deles, portanto, para um exame mais aprofundado de como os Tamacheque, como sujeitos políticos de um Estado-nação territorial, alteraram e variaram suas posturas e ações individuais e coletivas em relação ao Estado, ao longo de décadas de divisões, rebeliões e reivindicações dentro e fora das fronteiras estatais. Além disso, Perrin (2014) faz uma observação interessante

¹⁶ Do original “Those features evidently impact the nature and extent of citizenship. While they generally do not influence legal membership to the state – Mali and Niger have not used citizenship granting or removal as a political tool like Libya did – they heavily affect citizens’ rights and attitudes toward state and citizenship. Among these citizens, Tuaregs constitute a minority who mostly live in the desert part of those states.” (PERRIN, 2014, p. 301).

de que, em todos os países onde são presentes, os Kel Tamacheque vivem num território que constitui a região mais pobre desses Estados (Argélia, Líbia, Mali, Níger e Burquina Faso), em alguns dos países mais pobres do mundo (Mali e Níger, por exemplo). Os dois últimos países são ex-colônias francesas e figuram entre os países menos desenvolvidos. No aspecto político, ambos os Estados¹⁷ possuem histórico caracterizado por uma série de mudanças políticas antidemocráticas, instituições fracas e turbulência política. Portanto, no que tange à questão de distribuição de poder, o pertencimento étnico é muito importante (PERRIN, 2014). Sendo assim, ela argumenta que:

Essas características evidentemente impactam a natureza e a extensão da cidadania. Embora geralmente não influenciam a adesão legal ao Estado – Mali e Níger não usaram a concessão ou remoção de cidadania como uma ferramenta política como a Líbia – eles afetam fortemente os direitos e atitudes dos cidadãos em relação ao Estado e à cidadania. Entre esses cidadãos, os tuaregues constituem uma minoria que vive principalmente em parte desértica desses Estados (PERRIN, 2014, 301, tradução nossa).¹⁸

Devido às suas conexões com as principais comunidades sob o regime de Gaddafi, os Kel Tamacheque líbios¹⁹ conseguiram manter a posição cidadã com reconhecimento das instituições estatais no período Gaddafi (1969-2011). Não desafiaram o governo baseado em comitês do coronel Gaddafi depois que este assumiu o poder, em 1969 (AG KHAMADINE, 2017). Contudo, Gaddafi usou a crise instalada após as independências em países vizinhos e, apoiado por líderes tradicionais Tamacheque em muitos de seus programas saarianos, incentivou à migração dos Kel Tamacheque habitantes no Mali e Níger. Ou seja, no exército nacional líbio pós-revolução de 1969, havia criado brigadas especiais, altamente treinadas e as mais bem equipadas entre as forças armadas líbias do governo Gaddafi. Entre essas brigadas havia uma comandada pelo filho do líder líbio, Khamis Gaddafi, e composta especialmente por membros da tribo de Gaddafi e combatentes Tamacheque da Líbia, e outros Tamacheque originários da Argélia, Mali e Níger, recrutados por Gaddafi na década de 1980. As fortes conexões comunitárias tornaram-se um princípio mobilizado em sua prática de exercício do poder político.

¹⁷ Trata-se aqui dos Imuhagh/Kel Tamasheq que sempre permaneceram no solo líbio, diferentes dos chamados “retornados” que fugiram à repressão dos exércitos dos países do Sahel (Mali e Níger) logo após as independências.

¹⁸ Do original: “Les relations de la Libye à la question touarègue ont commencé au début des années 1970 avec l'arrivée des premières vagues de réfugiés touaregs maliens et nigériens sur les terres libyennes attirés par l'eldorado libyen suite au boom pétrolier qu'a connu ce pays. Ces réfugiés de la sécheresse étaient composés, essentiellement, des jeunes touaregs qui avaient tout perdu dans leurs pays respectifs suite au cycle des sécheresses chroniques qui y sévissaient. Si les Touaregs nigériens connaissaient déjà ceux de la Libye avec qui ils étaient liés par de multiples liens sociaux et commerciaux, ceux du Mali avaient connu en revanche très mal ce pays et ses habitants.” (AG KHAMADINE, 2012, p.18)

¹⁹ Do original: “L'espace libyen a toujours été fréquenté par les populations touarègues et ce, bien avant l'imposition des frontières étatiques dans les années 70 et l'avènement du kadhafisme, en 1969.” (AG KHAMADINE, 2017, p.7)

A relação da Líbia com a questão tuaregue começou no início dos anos 70, com a chegada das primeiras ondas de refugiados tuaregues malineses e nigerianos em solo líbio, atraídos pelo Eldorado líbio, após o *boom* petrolífero do país. Estes refugiados da seca eram principalmente jovens tuaregues que haviam perdido tudo em seus respectivos países, devido ao ciclo de secas crônicas. Enquanto os tuaregues do Níger já conheciam os tuaregues líbios, com os quais tinham muitos laços sociais e comerciais, os tuaregues do Mali tinham muito pouco conhecimento do país e de seus habitantes (AG KHAMADINE, 2012, p. 18, tradução nossa).²⁰

Neste caso, seria importante lembrar a declaração do ex-líder líbio, Gaddafi, no dia 15 de outubro de 1980, num megaevento na cidade de Ubari (AG KHAMADINE, 2012; KOHL 2010), capital do Fezã, no sul do país, quando este convidou todos os Kel Tamacheque, mas particularmente de Mali e Níger, a retornarem à Líbia, afirmando que suas origens seriam de *Targa*, cidade Tamacheque milenar no sul da Líbia, e que, portanto, deveriam "retornar à sua terra original". Considerando que “o espaço líbio sempre foi frequentado por populações tuaregues, muito antes da imposição das fronteiras estatais, na década de 1970; e do advento do *gadafismo*, em 1969”²¹ (AG KHAMADINE, 2017, p.7), esta declaração também foi feita em um momento de grandes revoltas nestes países e durante período de intensa seca, o que encorajou a migração para a Líbia. Destarte, é natural que os Tamacheque saelianos tenham se refugiado neste país, na sequência das graves incidentes ecológicos e acontecimentos resultantes da política de segurança adotada pelos respectivos Estados, para acelerar as mudanças socioeconômicas destas populações (CHAKER; FERKAL, 2012; AG ADNANE, 2014; AG KHAMADINE, 2017, KOHL; FISCHER, 2007).

Dessa maneira, “[...] ir à Líbia, onde vivem outros clãs tuaregues, é para estes saelianos uma viagem no tempo aos espaços de referência que outrora foram percorridos pelos seus antepassados e cuja lembrança se conserva na sua memória coletiva.”²² (AG KHAMADINE, 2017, p. 7). Além disso, tanto no passado quanto no presente, as populações Kel Tamacheque não consideram sua saída de suas configurações originais como expatriação. Ou seja, apesar de cruzarem a fronteira para outro Estado, eles permanecem no seu território, o

²⁰ Do original: “[...] se rendre en Libye, où vivent d’autres clans touaregs, s’apparente pour ces sahélo-sahariens à une remontée dans le temps vers des espaces de référence qui furent jadis parcourus par leurs ancêtres et dont le souvenir est conservé dans leur mémoire collective” (AG KHAMADINE, 2017, p.7).

²¹ Do original: “It can go in all directions, is temporally variable and adapted to individual taste. If one assumes *Ashamur* in Sabha (Libya), he emerges in Ghat (Libya). Here he remains for several weeks or months before he returns to Djanet (Algeria), returns somewhat later again, moves to Agadez (Niger) and works finally for a couple of months in Tripoli or Benghazi (Libya). His property fits in a small bag. Accommodation he gets with others *Ishumar* who live in families or house-similar structures. He is coming and leaving without lare announcement, one day here, the other there” (Kohl 2007b:99)

Saara, e se juntam a membros de seu grupo (PERRIN, 2014) dos quais foram separados por causa da divisão das unidades políticas Tamacheque (ADNANE, 2019) entre esses quatro países, bem como o subsequente deslocamento nômade. Os *Ishumar* normalmente têm alguns parentes em cada um desses países com os quais viajam e se juntam. Eles não têm planos para resolver e sua rota está mudando em conjunto com as oportunidades sociais e econômicas, e pode levá-los de volta ao Níger ou ao Mali, bem como à Líbia ou à Argélia. Eis como Kohl (2010) descreve o estilo de vida e mobilidade de jovens *Ishumar*:

Pode ir em todas as direções, é temporalmente variável e adaptada ao gosto individual. Se alguém assume um *Ashamúr* em Sebha (Líbia), ele emerge em Ghat (Líbia). Aqui ele permanece por várias semanas ou meses, antes de se voltar para Djanet (Argélia), retorna um pouco mais tarde, muda-se para Agadez (Níger), e finalmente trabalha por alguns meses em Tripoli ou Benghazi (Líbia). Sua propriedade cabe em uma pequena bolsa (KOHL, 2007b, p. 99 Apud KOHL, 2010, p.94).²³

Conforme o apontado por Belalimat (2008), estes jovens exilados criaram uma imagem nova e rebelde para si, por meio de festas periódicas, organizadas pelos famosos músicos de *tendé*²⁴ que se estabeleceram na área. Este *tendé* urbano canta em poesia sobre aventuras, questões juvenis e a árdua marcha dos *ishumar* para a Líbia, mantendo-se fiel à sua vocação crítica.

Oh, minha mãe! Desde que parti para a Líbia com perseverança
Eu cheguei, mas não posso me acomodar de forma alguma
Estou procurando por todos os meios o dinheiro necessário.
Mas recusa-se desesperadamente a se reunir [...].²⁵

Desse modo, é possível observar que, além de laços históricos e de parentesco, a Líbia representava uma oportunidade econômica no centro do deslocamento transnacional regular de jovens Tamacheque, oriundos de países saelianos em busca de emancipação, trabalho sazonal ou

²² O *tendé* é um tambor feito de pilão e a música associada a ele, no mundo Tamasheq. <<[²³ TINARIWEN, Álbum Aman Iman: Ahimana, 2006.](https://en.wikipedia.org/wiki/Tendé_(drum)#>> .</p>
</div>
<div data-bbox=)

²⁴ Do original: “Sur un autre registre, son utilisation à plusieurs reprises de l'expression ‘nous les Arabes touaregs’ dénote l'idée qu'il se fait de l'identité touarègue et donne un avant-goût de la solution qu'il préconise et qui n'est pas différente de celle qu'il réserve à ‘ses propres Touaregs’, à savoir l'intégration dans la culture arabo-musulmane et au mieux, peupler la Libye pour se constituer une base sociale à son pouvoir, afin de contrebalancer le poids politique et démographique des autres clans de son pays. Avec le recul, le discours d'Oubari apparaît comme une étape décisive dans la politique de captation et d'incorporation définitive des Touaregs sahéliens dans le tissu social libyen” (AG KHAMADINE, 2017, p.9)

²⁵ Magdi Ag Bohina é um Tamasheq nascido e criado no sul da Líbia. É integrante da sociedade civil da província de Fezã e membro do movimento civil *la lil tamyiz* onde vivenciaram todas as manifestações relacionadas ao pedido de documentação e mais inclusão há anos.

melhores condições de vida do que as de suas regiões originais (KOHL, 2010). Por outro lado, para o então “guia da Jamahiriya líbia”, Gaddafi, em termos de cultura e identidade, os Kel Tamacheque são verdadeiros árabes e nunca houve qualquer questão de reconhecer ou promover sua própria língua e/ou cultura.

Em outro nível, seu uso repetido da expressão ‘nós, árabes tuaregues’ indica sua ideia de identidade tuaregues e dá uma amostra da solução que ele defende, que não é diferente daquela que ele reserva para ‘seus próprios tuaregues’, ou seja, a integração na cultura árabe-muçulmana e, na melhor das hipóteses, a povoação da Líbia, a fim de contrabalançar o peso político e demográfico de outros clãs em seu país. Em retrospectiva, o discurso de Ubari parece ser um passo decisivo na política de captura e incorporação dos tuaregues saelianos no tecido social líbio (AG KHAMADINE, 2017, p.9, tradução nossa).²⁶

Ao fundir regular e livremente dois universos culturais particulares desta forma, ele nos lembra o fato de que a expressão de uma identidade não árabe é restrita à perspectiva da *jamahiriya*. De acordo com Inès Kohl e Ana Fischer (2007), entre os anos 2005 e 2006, o coronel Gaddafi decidiu conceder a todos os Kel Tamacheque nigerianos, malineses e suas respectivas famílias, presentes em território líbio, uma carteira de identidade provisória, com a promessa de naturalização, especialmente àqueles que servissem ao exército nacional líbio. Assim, estes jovens imigrantes desempregados se integraram, em grande número, às forças de defesa e segurança, na esperança de serem naturalizados; e vários deles foram enviados para lutar no Líbano e Chade (AG KHAMADINE, 2017). Por outro lado, segundo Perrin (2016), alguns desses jovens viram essa ocasião principalmente como uma forma de obterem temporariamente não apenas vantagens materiais (salário, moradia e carros para alguns), mas, também, um treinamento militar moderno e um conhecimento bélico eficaz.

Conforme o salientado pelo pesquisador Dida Badi Ag Khamadine (2017; 2012), o não reconhecimento da cidadania plena dos migrantes-retornados pelo ex-presidente líbio gerou uma divisão no interior da sociedade Tamacheque entre líbios e retornados. Em entrevista realizada com Magdi Ag Bohina (2023), residente do Fezã no sul da Líbia, percebe-se que,

Gaddafi mostrou-se disponível para empregá-los e isso não significa que ele vai ajudá-los nas lutas que eles estão fazendo nas suas terras de origem, porém ele precisa que eles se sintam melhor em relação de onde vieram. Portanto, eles

²⁶ Mussa Alkoni se tornou, mais tarde, um dos representantes da Comunidade Kel Tamasheq no Conselho Nacional de Transição (CNT); depois, integrou o Conselho Presidencial do Governo de Acordo Nacional, que tomou posse no final de março de 2016, antes de renunciar no início de janeiro de 2017. Em fevereiro de 2021 foi eleito vice-presidente do Conselho Presidencial Transitório encarregado de preparar as eleições de dezembro de 2021, que não aconteceram.

integraram o Estado líbio nesse contexto e sobre direitos e cidadania Gaddafi não se importou muito (MAGDI²⁷, 2023, Via WhatsApp).

Essa diferenciação de estatuto teve repercussão tanto na tomada de posição durante o conflito que levou à morte de Gaddafi quanto na construção posterior da nação.

De acordo com Wehrey (2017), durante a revolta de 2011, um número significativo de Kel Tamacheque, e em particular aqueles que haviam se unido às forças de segurança para ganhar cidadania, permaneceram leais a Gaddafi. Entre eles, em Trípoli, muitos Tamacheque saelianos foram enviados à linha de frente para combater os revolucionários nas frentes da Misrata e Zintan, duas cidades localizadas, respectivamente, a leste e sudoeste da capital. Por outro lado, líderes políticos importantes Tamacheque romperam com o regime de Gaddafi (WEHREY, 2017), como o embaixador da Líbia no Mali, Mussa Alkoni²⁸, que se refugiou na França e se juntou aos insurgentes. Na sequência, após agosto de 2011 e a entrada das forças revolucionárias na capital, Trípoli, centenas de combatentes Tamacheque abandonaram as forças leais e retornaram à região de Fezã, notadamente nas cidades de Ubari, Ghadames e Ghat ou fugiram para o Níger e Mali. Nesta parte do sudeste do país também tem um conjunto de interesses estratégicos que geraram a disputa de várias milícias do país pelo controle das receitas ligadas à proteção das instalações de extração de petróleo.

Neste contexto de pós-revolta, no final de janeiro de 2020, um grupo de jovens Tamacheque criou o movimento civil denominado *La Lil Tamyiz* (“não à discriminação!”, em árabe) com bases nas regiões de Ghat, Oubari e Sebha, no sul do país. Este movimento é composto por um número significativo de jovens Tamacheque de origem saelo-saariana, nascidos e criados na Líbia, mas que não gozam de todos os direitos concedidos aos cidadãos líbios. Por exemplo, sua permissão para votar permanece limitada, assim como sua autorização para acessar certas universidades públicas, além de não poderem ter um passaporte também.

Em entrevista realizada com Mehdi El Ansary (2023), um Tamacheque originário de Timbuktu (Mali), mas nascido e criado em Fezã, no sul da Líbia; e morador de Trípoli, observa-se que:

Os Kel Tamacheque possuem tudo que dá nacionalidade líbia hoje normalmente, uma vez que, nasceram e cresceram no solo líbio, além de sempre terem derramado o sangue deles para defender os interesses do país. Portanto,

²⁷ Mehdi El-Ansary é um Tamasheq nascido e criado no sul da Líbia e é integrante da sociedade civil da província de Fezã, onde surgiu o movimento civil *la lil tamyiz* (não à discriminação!), onde vivenciaram todas as manifestações relacionadas ao pedido de documentação e mais inclusão há anos.

²⁸Do original: “ toute avancée demeure contrainte par les tensions entre Tripoli et Tobrouk qui font également du Sud un territoire fragmenté par cette rivalité. Enfin, la communauté touarègue en Libye fait face à une compétition interne grandissante pour sa représentation.” (POUPART, 2022, p.12)

tudo isso automaticamente dá direito de cidadania e documentação nacional, mas a realidade é outra (MEHDI EL ANSARY²⁹, 2023, via WhatsApp).

Portanto, apesar de mais de meio século de residência e, para alguns, familiares servindo no exército líbio, essa geração herdou de seus pais um estatuto administrativo ainda incompleto. É neste sentido que o principal objetivo deste movimento continua sendo o acesso à nacionalidade enquanto pertencimento legal de uma pessoa à população de um Estado, mas essa nacionalidade pretende ser "completa", no sentido de que só ela permite o acesso a um conjunto de direitos e deveres que ainda não estão garantidos a certos membros da comunidade Kel Tamacheque, como ter um passaporte ou documentos para poder ingressar no serviço público. A criação do próprio movimento se deve tanto às condições sociopolíticas atuais no Sul da Líbia quanto à acumulação de dificuldades relacionadas ao acesso à nacionalidade desde a independência (POUPART, 2022).

Desse modo, o movimento surgiu como resultado de um incidente local que teve maior impacto na vida de muitos jovens Kel Tamacheque, isto é: o diretor da Ubari Health Institute recusou-se a permitir que alguns alunos fizessem seus exames anuais porque não tinham a caderneta de registro familiar, apesar de estarem cadastrados no estabelecimento por meio de seus números administrativos, disse o comunicado do movimento que apareceu na rede social Facebook (2020). Ademais, tal mobilização é também condicionada por bloqueios políticos e pelo uso da força.

Qualquer progresso permanece limitado pelas tensões entre Trípoli e Tobruk, que também fazem do Sul um território fragmentado por esta rivalidade. Finalmente, a comunidade tuaregue na Líbia está enfrentando uma crescente competição interna por representação (POUPART, 2022, p. 12, tradução nossa).³⁰

Neste caso, a Líbia está dividida entre dois governos rivais: um em Trípoli, reconhecido pela ONU; e outro, liderado pelo General Haftar, em Tobruk, na parte leste do país. Por isso, o movimento *La lil Tamyiz* é, portanto, forçado a navegar entre os atores da violência e outras comunidades para manter suas demandas audíveis (POUPART, 2022), uma vez que é da região sul, território que vitimado pelas tensões entre o leste e oeste do País.

²⁹Do original: “Les autorités de l’Est et de l’Ouest s’appuient sur une approche communautaire dans leurs relations avec le Sud, ce qui crée une grande confusion chez les Touaregs sur la capacité et la volonté des deux camps à avancer sur la question des papiers” (POUPART, 2022, p.13).

³⁰ O povo Tebu, também conhecido como Toubou, pode ser encontrado no sul da Líbia, norte do Níger e Chade e oeste do Sudão.

As autoridades do Leste e do Oeste contam com uma abordagem comunitária em suas relações com o Sul, o que cria grande confusão entre os tuaregues sobre a capacidade e a disposição de ambos os lados para avançar na questão dos papéis (POUPART, 2022, p. 13, tradução nossa).³¹

Dado que os próprios grupos político-militares dos Kel Tamacheque estão organizados em partidos, a definição de lealdades políticas na região torna-se mais complexa. Em relação às divisões existentes desde a queda do Gaddafi que causam obstáculos à normalidade e ordem democrática no país, pode-se destacar o ataque do general Khalifa Haftar à região de Fezzan em 2019 (CHALLENGES, 2019), procurando assumir o controle da área sul da Líbia, que causou conflitos nesta localidade, retomando as hostilidades entre os grupos Tamacheque e a minoria *Tebu*³² próxima do exército nacional líbio (LNA, na sigla em inglês), comandado pelo general Haftar. O pesquisador Mohamed Eljarh (2016) defende ser crucial avaliar as condições políticas da Líbia para compreender a capacidade do país, a fim de responder aos atuais problemas de segurança e perigos no país e na região saariana na totalidade. Sobre a questão política, o autor ressalta que:

desde a queda do regime Gaddafi, a Líbia sofreu uma polarização política que paralisou as instituições do país e levou ao colapso completo da transição política pós-revolucionária. A luta contínua por poder e recursos entre diferentes facções rivais tem levado à politização das estruturas militares e de segurança. Por exemplo, a competição pelo controle do serviço de inteligência, defesa e ministérios do interior, nos últimos anos, tem sido um fracasso completo nos setores de segurança e defesa na Líbia. As posições-chave dentro destas instituições têm sido alocadas para representar diferentes grupos opostos, resultando em instituições paralisadas, incapazes de proporcionar uma sensação de segurança ou de estabelecer as bases para instituições sustentáveis. A consequência tem sido o fortalecimento de atores periféricos não estatais em detrimento das instituições centrais do Estado (ELJARH, 2016, p. 9, tradução nossa).³³

³¹ Do original: “Depuis le renversement du régime de Kadhafi, la Libye a souffert de polarisation politique qui a paralysé les institutions du pays et conduit à l’effondrement complet de la transition politique post révolutionnaire. La lutte permanente pour le pouvoir et les ressources entre les différentes factions rivales a conduit à la politisation des structures militaires et sécuritaires. Par exemple, la concurrence pour le contrôle du service de renseignement, de la défense et des ministères de l’intérieur tout au long de ces dernières années, a été un échec complet dans les secteurs de la sécurité et de la défense en Libye. Les postes clés au sein de ces institutions ont été alloués pour représenter différents groupes opposés, qui ont abouti à des institutions paralysées incapables de livrer un sentiment de sécurité ou d’établir les bases d’institutions durables. La conséquence a été le renforcement des acteurs non étatiques périphériques au détriment des institutions de l’Etat central” (ELJARH, 2016, p.9).

³² Primeiro presidente do Mali e que ficou no comando do país de 1960 a 1968.

³³ Do original: “La rébellion touarègue de 2012 a hérité, mais s’est aussi appropriée les faits et les récits passés. Les élites touarègues mobiliseront ces récits pour façonner des mémoires en fonction de leurs passés connus, de leurs positionnements, des circonstances, de leurs intérêts et de leurs interlocuteurs” (BENCHERIF, 2018, p.21)

Portanto, tomando em consideração estes argumentos, é evidente que a desintegração e a fragmentação das instituições estatais e a rivalidade política e armada impossibilitaram uma resposta eficaz aos desafios que a sociedade Líbia, em geral, está enfrentando, pelo menos a curto e médio prazo (ELJARH, 2016). Desse modo, apesar do movimento *la lil tamyiz* ter conseguido um certo reconhecimento, nomeadamente graças ao seu compromisso civil e pacífico, a sua influência continua tendo vários obstáculos e sendo limitada por vários fatores. Tanto os organizadores como os participantes “nem sempre têm meios para continuar porque são pobres, é a população.” (POUPART, 2022, p. 17, tradução nossa). Além disso, há dificuldade gerada pela instabilidade nacional, o que complica ainda mais a situação de todas as minorias no país.

Kel Tamacheque retornados do Mali

Logo após as independências e a oficialização de novas fronteiras traçadas pela França, as populações do Saara - principalmente os Kel Tamasheq e os árabes - iniciaram uma revolta contra os novos Estados modernos (Mali e Níger). No Mali, em 1963, três anos após sua independência, houve uma revolta dos Kel Tamasheq contra as imposições do novo governo de Modibo Keita (primeiro presidente do Mali independente). É o início de uma história desafiadora e complicada dos primeiros anos da independência do Mali, uma época em que uma série de conflitos entre a sociedade Kel Tamasheq, os nômades Saarianos em geral e o Estado do Mali sob Modibo Keita surgiram nas frentes política, cultural e econômica.

As implacáveis perseguições do governo e a resistência dos Kel Tamasheq tiveram como uma de suas consequências o surgimento do movimento cultural *Ishúmar* (“desempregados”), que, através da música, discorda dos regimes violentos, expressa os desafios enfrentados por seu povo e divulga a importância da sua cultura (AG ADNANE, 2014 e PICCHI, 2008), como podemos observar abaixo nessa letra da canção da banda Tinariwen:

Soixante-trois tidja houn tilkam	63 se foi, mas vai voltar
Tidjichilinet lanen timtar	Seus dias deixaram marcas
Tangha imgharan dalyad iwan	Eles assassinaram velhos e uma criança recém-nascida
Tarassid iridjuan anaq iwan	Passaram pelos campos, destruíram os pastos e eliminaram o gado
Tadjih amérique tadjih	A América e o Líbano

lubnan		são testemunhos
Tanad aruss efew erghan		A Rússia fornecia o fogo inflamado
Soixante-trois tidja houn tilkam		63 se foi, mas vai volta
Tidjichil Janet lanen timtar		Seus dias deixaram marcas
Titwisteghnat chatma Houlan		Minhas irmãs foram perseguidas sem piedade
warhin janchegh wala atilan		Eu não posso trocá-las por preço nenhum
Soixante-trois tidja houn tilkam		63 se foi, mas vai voltar

(TINARIWEN, Álbum Aman Iman: Soixante Trois, 2006).

Soixante Trois (sessenta e três), uma das primeiras canções escritas pelo líder e cofundador do Tinariwen, Ibrahim Ag Alhabib, refere-se aos massacres de 1963, quando, ainda criança, viu o pai dele ser detido e levado para a principal praça pública da cidade de Kidal, onde foi executado porque foi considerado como um colaborador dos rebeldes que lutavam contra a administração pós-colonial de Modibo Keita³⁴. De acordo com Ag Adnane (2015, p. 4), “Modibo acreditava que o modo de vida nômade era um alvo a ser sacrificado em nome da ideia de desenvolvimento e modernidade”. Portanto, várias famílias foram obrigadas a buscar refúgio em outras áreas e países limítrofes, devido às atrocidades das autoridades centrais e “essa canção é parte de um movimento popular que surgiu nos anos seguintes à independência do Mali, pontuados pela migração, o empobrecimento e falta de esperança no novo país” (ADNANE, 2013, p. 28), pois, a revolta dos anos 1963-64, resultou em inúmeras mortes humanas, na destruição de propriedades - especialmente animais - que eram cruciais para a economia local e no despejo de várias famílias, conforme a letra de música (TINARIWEN, Álbum Aman Iman: Soixante-trois, 2006).

Neste contexto, Ag Adnane (2013, p. 23) reforça que, “em 1963, após a independência do Mali, os Kel Tamacheque revoltaram-se contra as autoridades do novo país. Foram duramente reprimidos, com fortes confrontos e grandes perdas humanas.” Desse modo, uma primeira onda de migrações pós-coloniais ocorreu em direção ao norte, principalmente para as províncias

³⁴ Do original: “Decentralization first appeared in the 1995 peace agreement and created hope for collective management and autonomy. However the slowness in electoral preparation, the delay in providing technical and financial support as well as the weakness of the financial grants made decentralized governance difficult. This

argelinas de Tamanrasset, Ouargla e Ghardaïa, e de lá para Ghat e Ubari no sul da Líbia (ADNANE, 2013).

Essa primeira rebelião contra o governo da nova República do Mali foi severamente reprimida pelo Presidente Modibo Keita e pelo Primeiro-Ministro Ben Bella. Cerca de mil pessoas foram mortas, algo que foi lidado com indiferença pelo resto do mundo, inclusive por seus ex-colonizadores franceses (PICHI, 2008, p. 25).

Nessa circunstância, conforme assinalam vários autores, como Ag Khamadine (2012), é correto lembrar que as revoltas de 1963 foram sangrentamente reprimidas pelos exércitos nacionais de Mali, mas, também, pela Argélia, do outro lado da fronteira, e as populações Tamacheque foram mergulhadas no que é chamado de "sobrevivência nas margens" (CLAUDOT-HAWAD, 2008) e este foi o período em que o termo "*Ishúmar*" surge para se referir a uma nova geração que vive nas dobras do Estado desde que as atividades tradicionais nômades não podem mais existir dentro da organização dos Estados nacionais criados. Desde então, houve vários conflitos armados entre as forças militares do governo e grupos separatistas Tuaregues.

Os Kel Tamacheque viveram várias lutas e resistências contra imperialistas e ocupantes, antes dos Estados-nação atuais. Portanto, a resistência das populações Tamacheque contra as tropas coloniais francesas é evocada através de vários episódios de confronto. Nesse contexto, o episódio mais mencionado pelos Kel Tamacheque no Mali é o da rebelião do guerreiro e líder comunitário Fihroun Ag Alinsar, entre 1916 e 1917, contra as tropas francesas (CLAUDOT-HAWAD, 1990; ADNANE, 2013; BENCHERIF, 2018). Além da revolta dos anos 1963-1964, vários jovens que fugiram da repressão militar do primeiro regime de Modibo Keita se organizaram política e militarmente nos campos de refugiados na Argélia e Líbia (CLAUDOT-HAWAD, 1996; AG KHAMADINE, 2010) e voltaram em 1990 para vingar seus familiares mortos cruelmente, além de reivindicar outras pautas como: políticas públicas, infraestruturas e descentralização do poder. Tais reivindicações foram todas consideradas no pacto concluído entre os rebeldes do Movimento Popular de Azawad (MPA) e o governo do Mali, em Tamanrasset (Argélia), em 1991, sob a mediação argelina, porém igual ao primeiro acordo de 1964, este também nunca foi implementado.

Em 2012, a região do norte do Mali, conhecida como Azawad, foi declarada independente, pelo Movimento Nacional de Libertação de Azawad, no dia 06 de abril daquele

increased the feeling of abandonment amidst local representatives, and postponed the peace itself" (GUICHAOUA; ARDY, 2007, p.2)

ano, porém nenhum país reconheceu tal declaração. No que diz respeito à revolta na Líbia e as consequências da queda do ex-dirigente do país na região, é fundamental sublinhar que a maioria dos combatentes do Movimento Nacional pela Libertação de Azawad (MNLA), liderados pelo coronel Mohamed Ag Najim, que expulsaram o exército do Mali das regiões do norte do país entre janeiro de 2012 e março do mesmo ano, eram filhos órfãos das famílias que o exército malinês massacrou entre os anos 1960 a 1990 e faziam parte das forças de segurança nacional da Líbia (ADNANE, 2019; PERRIN, 2014); e depois da queda do regime de Gaddafi voltaram com suas armas e tanques de guerra para “libertar sua terra do colonialismo malinês”, conforme o discurso dos seus líderes políticos.

Conforme o observado por Bencherif (2018, p. 21, tradução nossa), “a rebelião tuaregue de 2012 herdou, mas também se apropriou de fatos e narrativas do passado. As elites tuaregues mobilizaram estas narrativas para moldar memórias, de acordo com seu passado conhecido, suas posições, circunstâncias, interesses e interlocutores.”³⁵ Desde então, o governo do Mali e os grupos separatistas (sob ameaças da comunidade internacional) do norte do país, com a mediação do Burkina Faso, iniciaram o diálogo para estabelecer caminhos a um acordo. Depois, com a mediação internacional, liderada pela Argélia durante mais de 2 anos de negociações, conseguiram um acordo para paz, o chamado “Acordo de Argel”, em 2015, que previa a descentralização e a autonomia para a região do norte do Mali, mas muitas das disposições não foram implementadas até agora. Em resumo, a relação política do Mali com a realidade sociocultural e multiterritorial dos Kel Tamacheque (CLAUDOT-HAWAD, 2008) tem sido tensa e conflituosa, com desafios persistentes para a integração política e a estabilidade nacional e mesmo regional desde o momento das independências.

Segundo Bencherif (2018), as múltiplas dimensões do tal acordo cobrem preocupações políticas e institucionais, segurança e defesa, crescimento socioeconômico e cultural, bem como questões de reconciliação nacional, justiça para as vítimas e questões humanitárias. Por isso que o governo do Mali e os mediadores internacionais o rubricaram em 15 de maio de 2015, mas a CMA (Coordenação de Movimentos de Azawad) não assinou até 20 de junho de 2015, destacando a resistência e a insatisfação dos movimentos político-militares em relação ao conteúdo do documento.

Por fim, o processo de volta à paz continua em andamento de forma muito tímida no país e ainda sem implementar o Acordo de Argel. Ou seja, mais uma vez, o governo malinês está sabotando um processo de paz e dessa vez tal instabilidade afeta todos os países da região.

Porque, além dos conflitos político-sociais, existentes desde a independência do Mali, existem outros atores que são os terroristas da Al Qaeda, que desde 2007 vivem de uma economia ilícita na fronteira entre Argélia, Mali e Níger, praticando o sequestro de turistas e/ou trabalhadores ocidentais para trocá-los, depois, por vários milhões de dólares. O conflito na Líbia fez com que todo o espaço saelo-saariano ficasse inseguro. Com as mudanças que estão ocorrendo, tanto nacional quanto internacionalmente, vários especialistas de segurança internacional defendem que enquanto a situação na Líbia não estiver estável, nenhum desses países o será, já que é na Líbia e Nigéria que esses grupos extremistas se aprovisionam em armas. “Os ataques violentos de grupos armados afetam agora a maior parte do país”, conforme o relatório da missão da União Europeia (EU, 2023, *online*) no Mali. Consequentemente, a situação humanitária é muito preocupante, pois, além dos massacres feitos por terroristas da Al Qaeda e Daesh, o fluxo da movimentação das pessoas que se mudam do interior para as grandes cidades, fugindo desses ataques, aumenta a cada dia (UNOCHA, 2022, *online*).

4. Kel Tamacheque retornados do Níger

O Níger foi um dos poucos países africanos que se opôs abertamente à intervenção da OTAN na Líbia; e depois da derrubada de Gaddafi fez muitos apelos à comunidade internacional para resolver o conflito. Esta preocupação se explica pelo medo do governo nigerino nas questões de estabilidade na parte norte do seu país; e do mesmo modo que aconteceu no Mali, o Níger também sofreu revoltas em 1990 e 2007, por parte das populações do norte do país, que se aprovisionavam a partir o território líbio. Além disso, o país enfrenta, desde 2010, os extremistas nigerianos de Boko Haram, do lado sul, e não está preparado para outros desafios securitários.

Na altura da independência do país, o mundo Tamacheque era pouco conhecido dos dirigentes políticos nigerínos (principalmente vindos do sul do país). As autoridades de Níger independentes faziam pouca distinção entre os tuaregues e os de outros países vizinhos, como Mali, Argélia e Líbia. E as principais causas de revoltadas anteriormente citadas têm sido a marginalização política e econômica das populações do norte do país, majoritariamente composto por Kel Tamacheque e “Árabes” (Mouros). Eles se sentiram excluídos do poder político, nas tomadas de decisões e do controle dos recursos naturais na sua própria região (CLAUDOT-HAWAD, 2008) e tal discriminação levou a uma série de lutas armadas e rebeliões desde os anos 1960, quando o Níger conquistou a independência da França.

³⁵ Do original: “Ceci [...] s'est manifesté à travers l'alignement du régime socialiste et panarabiste de Ben Bella sur la politique d'éradication de la première rébellion des Touaregs par l'État malien, en 1963-64, tuant, sans distinction,

Os acordos, conhecidos como “Concorde Nationale”, assinados em 24 de abril de 1995, entre a *Organisation de la Résistance Touareg* (ORA) e o governo nigerino, liderado pelo presidente Mamane Usmane, marcaram o fim do levante militar no país. O governo nigerino comemora este dia todos os anos, pois marcou o fim de vários anos de conflito militar. Portanto, “a fase de negociações com o poder central foi distinta em Bamako e em Niamey, assim como os desdobramentos futuros, tanto do processo de paz, como das novas lutas, que voltariam em 2007, no Níger, e no Mali” (ADNANE, 2014, p.101). Para muitos especialistas, Mali e Níger tomaram medidas diferentes no final dessas rebeliões. Pois, como Guichaoua (2013, online) observou, as autoridades do Mali tiveram pior desempenho do que o Níger, quando se trata de adotar explicitamente uma estratégia de segurança, ignorando as medidas de desenvolvimento do Pacto Nacional de 1992. Outro elemento importante para entender a oposição de Tamacheque nigerinos ao Estado central é a questão do urânio (GUICHAOUA; HARDY, 2007), que foi descoberto já nos primeiros anos da independência e é extraído pela mineradora francesa AREVA (atual ORANO). Desse modo, uma das reivindicações desse grupo político-militar é rever a gestão do urânio e suas consequências ambientais. Conversando com os moradores do espaço, isto é, a descentralização do poder:

A descentralização apareceu pela primeira vez no acordo de paz de 1995 e criou esperança para a gestão coletiva e a autonomia. No entanto, a lentidão na preparação eleitoral, a demora na prestação de apoio técnico e financeiro, bem como a fraqueza das subvenções financeiras, dificultou a governança descentralizada. Isto aumentou o sentimento de abandono entre os representantes locais, e adiou a própria paz (GUICHAOUA; HARDY, 2007, p.2, tradução nossa).³⁶

Meses depois, no mesmo ano, o governo do Níger assinou um acordo de paz com o Movimento Nigeriano pela Justiça (MNJ), o movimento político militar que lutava pela descentralização do poder e reconhecimento político e econômico. O acordo incluiu a criação de um Conselho Superior de Negociação e Desenvolvimento, destinado a promover o diálogo entre o governo e os rebeldes (DJIBO, 2002), bem como a implementação de políticas para promover a inclusão das populações dessa região na vida social e política do Estado. No entanto, a relação entre os Kel Tamacheque e o estado do Níger continua a ser tensa. Os Tamacheque, praticamente, ainda enfrentam desafios significativos em termos de acesso a recursos, alfabetização e oportunidades de emprego. É principalmente um problema nacional de

tous les nomades rencontrés.”(AG KHAMADINE, 2012, p.7)

³⁶ Do original: “Pendant ses opérations en territoire algérien, l’armée malienne commit durant l’été de 1964 un massacre sur le puits d’In Ouzzal à 200 km à l’intérieur des frontières algériennes.” (AG KHAMADINE, nota.14)

subdesenvolvimento e pobreza e é causado por um domínio territorial musculoso e pouco próximo da população, pelo subdesenvolvimento regional e por um modelo de desenvolvimento pouco adequado às realidades locais (DJIBO, 2002).

Por fim, o ponto fundamental a destacar, para entender a diferença entre a gestão das revoltas nos dois países saelianos, é que o cumprimento dos acordos de paz no Níger, ao contrário do Mali, permitiu a incorporação de alguns dos antigos militantes em partidos políticos e muitos desses homens são, hoje, prefeitos em 99% nas cidades do norte até à fronteira com a Líbia e Argélia. Por isso, pode-se perceber que na administração nigeriana existe uma representação Tamacheque significativa, ao contrário da realidade malinesa, apesar dos desafios que ainda existem.

5. Kel Tamacheque retornados da Argélia

Quando o país conquistou sua independência, em 1962, a elite política argelina (principalmente do norte do país) tinha pouco conhecimento a respeito dos Kel Tamacheque presentes na parte saariana que fica no sul do país (AG KHAMADINE, 2012). Os responsáveis argelinos da época mal sabiam a diferença entre os Tamacheque que ficam no território da Argélia e os de outros Estados vizinhos, como Mali, Níger e Líbia.

A esse respeito, deve-se notar que as primeiras autoridades argelinas parecem compartilhar a mesma visão de seus vizinhos recém-independentes e socialistas Saelo-saarianos (Líbia, Mali e Níger). E “isso [...] se manifestou no alinhamento do regime socialista e pan-arabista de Ben Bella, com a política de erradicar a primeira rebelião tuaregue pelo Estado do Mali em 1963-64, matando todos os nômades que encontrou, sem distinção” (AG KHAMADINE, 2012, p.7, tradução nossa).³⁷ Ou seja, o então presidente da Argélia, Ahmed Ben Bella, deu sinal verde às forças armadas do Mali para perseguir os rebeldes dentro do território argelino e “durante suas operações em território argelino, o exército malinês cometeu um massacre no verão de 1964, no poço de In Ouzzal, 200 km dentro das fronteiras argelinas” (AG KHAMADINE, 2012, nota.14, tradução nossa).³⁸ Em consequência disso, teve muitas vidas humanas perdidas e “muitas das vítimas eram tuaregues argelinos” (AG KHAMADINE, 2010, p. 2, tradução nossa).³⁹

³⁷ Do original “Des nombreuses victimes étaient des Touaregs algériens” (AG KHAMADINE, 2012, p.5).

³⁸ Front de Libération Nationale, era o único partido no poder desde a independência até o advento de um sistema multipartidário em 1989.

³⁹ Do original: “(...) arriver à mettre la main sur les enfants nomades et à les scolariser, c'est arriver inévitablement à mettre la main sur le nomadisme” (R. Aktouf, 1971: 105 *apud* AG KHAMADINE, 2010, p.4).

No entanto, conforme o apontado por Ag Khamadine (2012), após a queda de Ben Bella no rescaldo do golpe de Estado de Houari Boumediène em 1965, a política argelina em relação aos Kel Tamacheque mudou dramaticamente, tanto em relação aos que vinham do Mali como aos nacionais, cujas condições econômicas melhoradas pretendiam acelerar a sua integração ao conjunto nacional. Dessa forma, a política do Estado argelino em relação aos seus cidadãos Tamacheque, em sua maioria, nômades, pode ser assim resumida em alguns pontos como: implementação de uma política de sedentarização dos nômades; escolarização de seus filhos em árabe e a não-interferência nas suas organizações políticas e culturais.

Mas o ponto mais importante para o governo da época foi a questão da sedentarização. A este respeito, as principais diretrizes da FLN⁴⁰ (Front de Libération Nationale/Frente de Libertação Nacional), na região sul do país, foram estabelecidas pelo primeiro administrador de Tamanrasset, que escreveu "...conseguir pegar as crianças nômades e enviá-las à escola é, inevitavelmente, conseguir controlar o nomadismo" (AKTOUF, 1971, p. 105 *apud* AG KHAMADINE, 2010, p. 4, tradução nossa).⁴¹

Os Kel Tamacheque argelinos são divididos social e politicamente em três confederações que incluem Kel Ahaggar (Argélia), uma parte do Kel Adrar (Argélia/Mali), e uma parte do Kel Ajjer (Argélia/Líbia) (CLAUDOT-HAWAD, 1990; AG KAMADINE, 2012; Kohl, 2010). O grupo sociopolítico Kel Ajjer é, de fato, estabelecido entre a Argélia e a Líbia. Embora sempre tenham permanecido móveis entre os dois países, eles foram, na maioria, registrados como líbios quando o país conquistou a independência já que uma parte considerável do seu território tradicional fica no sudoeste da Líbia. Desse modo, a entrevistada Tazidert diz que:

[...] é importante saber que os Kel Ajjer têm sua sede na Líbia, em Ubari e, portanto, durante a colonização francesa não tiveram um chefe [na Argélia] legítimo de fato, portanto já começa com o fato de que antes do estado argelino, a colonização francesa perturbou as estruturas sociais dos Kel Ahagar e dos Kel Ajjer da mesma forma (TAZIDERT⁴², 2023, via WhatsApp)

Conforme o apontado por Ag Khamadine (2012), a relação da sociedade Tamacheque ocorreu em três acontecimentos diferentes. Dessa forma, um dos pontos fundamentais da relação

⁴⁰ Tazidert é ativista e membro da sociedade civil tamasheq do sul da Argélia e é membro da ONG *Imuhagh International*, uma organização pela defesa e monitoramento da situação de direitos dos Kel Tamasheq na Argélia, Mali, Níger, Líbia, Mauritânia, Burquina Faso e diáspora.

⁴¹ *Amanukal* significa Chefe ou Líder na língua Tamasheq

⁴² Do original: "Boudiaf reçut officiellement les deux leaders de deux principaux groupes touaregs algériens (Kel Ajjer et Kel Ahaggar) pour solliciter leur soutien à son nouveau mouvement (le Rassemblement populaire nationale, RPN) qu'il venait de créer afin d'asseoir son régime et lutter contre l'opposition islamiste²¹. À l'occasion de cette rencontre, qui fut fortement médiatisée, on voit apparaître pour la première fois dans la presse nationale le titre d'"amanukal pour désigner ces deux chefs touaregs." (AG KHAMADINE, 2012, p.12)

entre o Estado argelino e os Kel Tamacheque deu-se com a insurreição da Frente Islâmica de Salvação (FIS), em 1990, e a chegada ao poder de Mohamed Boudiaf, uma das figuras mais emblemáticas da classe política argelina. Neste contexto,

Boudiaf recebeu oficialmente os dois líderes dos principais grupos tuaregues argelinos (Kel Ajjer e Kel Ahaggar) para solicitar o apoio deles ao seu novo movimento (o Rassemblement Populaire National, RPN), que ele acabava de criar, a fim de estabelecer seu regime e lutar contra a oposição islamista. Por ocasião desta reunião, altamente divulgada na mídia, o título de '*amanukal*' apareceu pela primeira vez na imprensa nacional para designar estes dois líderes tuaregues (AG KHAMADINE, 2012, p. 12, tradução nossa).

A partir de 2006, o Estado não só permitiu que a eleição dos líderes tradicionais ocorresse de acordo com os procedimentos tradicionais, ou seja, de forma matrilinear, mas também fez com que o evento fosse objeto de ampla cobertura da mídia na rádio local, na imprensa nacional e na agência oficial de informações (APS) (AG KHAMADINE, 2012; 2010), pode ser considerado um segundo ponto forte. Por fim, o ponto de virada na relação dos Kel Tamacheque com o Estado ocorreu quando o recém-eleito líder Tamacheque na Argélia desconsiderou, em 2006, o apelo de Gaddafi para que as comunidades do Saara se unissem numa única entidade. Esta negação, que ecoa a posição oficial da Argélia, foi vista pelas autoridades argelinas como uma prova de que seus Kel Tamacheque apoiam o seu país.

6. Conclusão:

Durante este estudo, tentou-se abordar, desde uma perspectiva sócio-histórica, as relações dos Kel Tamacheque com os Estados-nação, focalizando, particularmente, na evolução da mobilização da comunidade Tamacheque, em curso desde os anos 1950, para o acesso à nacionalidade (e mais inclusão) na Líbia. Além disso, observou-se que a atual situação na Líbia está sendo uma oportunidade para os Kel Tamacheque, e outras minorias, como os Amazigh da província de *Nefussa* e também os Tubu, tentarem a difícil experiência de se organizarem politicamente pela primeira vez dentro de uma entidade supra comunitária para criar órgãos de liderança a partir de local, para servirem de voz política entre os locais e as autoridades centrais.

Outrossim, a pesquisa procurou mostrar, também, a grande variedade de relações e a complexidade de sentimentos em relação à pertença dos Kel Tamacheque nos demais Estados da região em que eles vivem, lembrando o desenvolvimento das reivindicações desta sociedade desde a independência; e abordando atividades de luta para se sentirem incluídos de forma plena em relação às fronteiras pós-coloniais e participando da gestão governamental, especialmente no

caso dos países do Sahel. Outro elemento interessante é que, sem dúvida, os Estados centralizadores nesse espaço têm suas limitações. E isso explica que essas rebeliões e outros problemas de insegurança são certamente causados pelo fato de que os cidadãos nunca viram seus Estados como existentes. Em outras palavras, após aproveitar os recursos de sua área, os moradores dessas localidades, alguns dos quais sem ervas daninhas, parecem ter sido deixados à própria sorte.

Já no caso argelino, tomando em consideração todos esses elementos mencionados acima (no item 2.4), podemos concluir que o Estado argelino, além de ter cometido menos erros político-securitários na sua parte saariana, fez uma escolha que terá consequências duradouras, uma vez que tem preocupação de segurança que enfatiza a sua própria estabilidade e dos demais países vizinhos. Ou seja, a Argélia tem sido capaz de evitar que seus Tamacheque vivessem as mesmas condições político-econômicas desafiadoras provocadas pelas catástrofes ecológicas que seus irmãos, em outros países vizinhos, estão enfrentando atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AG ADNANE, Mahfouz. **Movências tamacheque além-fronteiras: conexões, performances em narrativas insurgentes em festivais culturais saarianos (2001-2017)**. 2019. 370 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

AG ADNANE, Mahfouz. **Ichúmar: Da errância à música como resistência cultural Kel Tamacheque (1980-2010): raízes históricas e produção contemporânea**. 2014. 180f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

AG ADNANE, Mahfouz. Resistência cultural Kel Tamacheque no pós-colonial no Mali e no Níger: o movimento Ichúmar. In. **XX VII Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2013**, Natal/Rio Grande do Norte. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364585799_ARQUIVO_ANPUH-Natal2013_texto_MahfouzAgAdnane.pdf Acesso em 10 junho. 2023.

AG KHAMMADINE, Dida Badi. **Les relations des Touaregs aux États: Le cas de l'Algérie et de la Libye**. IFRI programme Afrique subsaharienne, Paris, 2010.

AG KHAMMADINE, Dida Badi. **Les Touaregs du Tassili n Ajjer: Mémoire collective et organisation sociale**. Alger: CNRPAH, 2012.

AG KHAMMADINE, Dida Badi. **Les Touaregs et le conflit en Libye**. Centre national de recherches préhistoriques, anthropologiques et historiques, Alger, 2017.

CHAKER, S; FERKAL, M. Berbères de Libye : un paramètre méconnu, une irruption politique inattendue, **Politique africaine**, n° 125, 2012, p. 105-126.

- CLAUDOT-HAWAD, Hélène. *Éperonner le monde. Nomadisme, cosmos et politique chez les Touaregs*. Aix- -en-Provence: Edisud, 2001.
- CLAUDOT-HAWAD, Hélène. Un territoire bâti comme une tente nomade. **Réfractons, Les Amis de Réfractons (Rhône)**, 2008, p. 51-60.
- CLAUDOT-HAWAD, Hélène. Des États-Nations contre un peuple: le cas des Touaregs. In: **Revue de l'Occident musulman et de la Méditerranée**, n°44, 1987. Berbères, une identité en construction, p. 48-63.
- CLAUDOT-HAWAD, Hélène. Honneur et politique. Les choix stratégiques des Touaregs pendant la colonisation française. **Revue des Mondes Musulmans et de la Méditerranée**, Université de Provence, 1990, p.11- 49. halshs-00648591.
- CLAUDOT-HAWAD, Hélène, et al. **Touaregs. Exil et résistance**. Edisud, 1990.
- CLAUDOT-HAWAD, Hélène; Hawad. Touaregs: Voix solitaires sous l'horizon confisqué. *Ethnies*, Paris, 20-21, 255 p., 1996, **Collection Ethnies-Documents**, 9782912114006. fffhalshs-00293895f.
- CLAUDOT-HAWAD H. *Éperonner le monde. Nomadisme, cosmos et politique chez les Touaregs*, Edisud: Aix-en-Provence, 2001.
- GALLET, Archibald. **LES ENJEUX DU CHAOS LIBYEN**. Institut français des relations internationales | « Politique étrangère » 2015/2 Été | pages 99 à 111.
- KOHL, Ines. Libya's 'Major Minorities'. Berber, Tuareg and Tebu: Multiple Narratives of Citizenship, Language and Border Control. **Middle East Critique**, 2014, vol. 23, n° 4, p.423-438.
- KOHL, Ines; FISCHER, Anja. **Tuareg moving global: An introduction**. *I. Kohl and A. Fischer, eds*, 2010.
- KORMIKIARI, M. C. N. Espaços de poder no Norte da África berbere sob domínio cartaginês e romano: o caso de Cirta (Constantina, Argélia). **Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos**, vol. 3, p. 16-46, 2014.
- KORMIKIARI, M. C. N. Norte da África na antiguidade: os reis berberes númidas e suas iconografias monetárias. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, vol. 17, p. 251-292, 2007.
- KORMIKIARI, M. C. N. Grupos indígenas berberes na Antigüidade: a documentação textual e epigráfica. **Revista de História**, [S. l.], n. 145, p. 9-60, 2001.
- MURRAY, Rebecca. **SOUTHERN LIBYA DESTABILIZED: The Case of Ubari**. Security Assessment In North Africa (SANA), Small Army Survey, Genebra, 2017.
- OCHA Mali Rapport de situation - Dernière mise à jour: 19 avril 2023. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/mali/ocha-mali-rapport-de-situation-derniere-mise-jour-19-avril-2023>. Acesso em: 18 junho. 2023.

PERRIN, Delphine. Tuaregs and citizenship: the last camp of nomadism. *Middle East law and governance*, 2014, vol. 6, no 3, p. 296-326.

POUPART, Pauline. Être touareg dans le Sud libyen en transition: une citoyenneté encore inachevée. *Openedition journals*. vol.02, 2022.

WEHREY, Frederic. **Insecurity and governance challenges in Southern Libya**. Washington DC: Carnegie endowment for international peace, 2017.

Música:

TINARIWEN, Álbum Aman Iman: Soixante Trois, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zrWkC85NySA>. Acesso em: 12. jun. 2023.

Recebido em: 25/03/2024

Aprovado em: 30/06/2024